



Sobre desenvolvimento de Turismo de Base Comunitária em Petrópolis/RJ: projeto de extensão no Caxambú e no Quilombo da Tapera

Resumo: O bairro do Caxambú e o quilombo da Tapera são duas áreas funcionais de Turismo da cidade imperial, localizados na APA Petrópolis, constituída de mosaico de ambientes, no qual representam tradicionais comunidades de atividade rural familiar. Pelo valor histórico e beleza cênica, têm potencial para o ecoturismo e turismo rural, práticas que podem sensibilizar os petropolitanos e agregar valor cultural aos visitantes do Centro Histórico. O turismo de base comunitária é marcado pela expressa intenção de preparar, capacitar e promover a participação efetiva da população local, comerciantes e produtores artesanais, para que não haja segregação, desprestígio ou exclusão dos ganhos advindos da prática turística. Ao respeitar os sujeitos com seus discursos múltiplos, propõe-se a integração de recursos como a história oral e a cartografia social, em que os indivíduos não apenas usam os mapas para se expressar, mas os interpretam, realizando suas reflexões sobre o espaço-tempo em que vivem.

Palavras-chave: Turismo de Base Comunitária; cartografia social; vulnerabilidade.

Abstract: The neighborhood of Caxambú and the quilombo of Tapera are two functional areas of Tourism of the imperial city, located in APA Petrópolis, constituted of mosaic of environments, in which they represent traditional communities of familiar rural activity. For historical value and scenic beauty, they have the potential for ecotourism and rural tourism, practices that can sensitize the Petropolis and add cultural value to visitors to the Historic Center. Community-based tourism is marked by the express intention of preparing, training and promoting the effective participation of the local population, traders and artisan producers, so that there is no segregation, discredit or exclusion from the gains coming from the tourist practice. In respecting subjects with their multiple discourses, it is proposed the integration of resources such as oral history and social cartography, in which individuals not only use maps to express themselves, but interpret them, realizing their reflections on space-time in which they live.

Key-Words: Community Based Tourism; social cartography; vulnerability

Introdução

O bairro do Caxambú e o quilombo da Tapera são duas áreas funcionais de Turismo da cidade imperial de Petrópolis/RJ. Localizados nas imediações da APA Petrópolis, que se constitui de um mosaico de ambientes definidos por distintas formas de uso e ocupação do solo, Caxambú e Tapera são tradicionais comunidades de atividade rural familiar. Pelo valor histórico e beleza cênica, apresentam potencial para o ecoturismo, turismo rural e a agricultura sustentável, práticas que podem agregar valor ao Turismo local do Centro Histórico. O turismo de base comunitária é marcado pela expressa intenção de preparar, capacitar e promover a participação efetiva da população



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

local, especialmente comerciantes e produtores artesanais, para que não haja segregação, desprestígio ou exclusão dos ganhos advindos da prática turística.

O Caxambú, no tempo, representa um microcosmo da evolução urbana metropolitana. Panorama de escarpas de espessa vegetação, no qual se descortina o vale do Itamarati, numa sucessão abrupta de quedas até o Cascatinha, onde se encontra a bacia do Piabanha, o local é conhecido pela abundância de águas, que fazem parte da Bacia do Palatino, junto às que percorrem os Quarteirões Palatinato Superior e Palatinato Inferior. Próximo ao Centro Histórico, ali acolheu plantação de hortaliças por famílias de imigrantes portugueses, no final do século XIX. Porém, até hoje, ainda restam alguns vestígios dos primitivos propósitos dos fundadores, lusitanos dedicados entregam-se à pequena lavoura e a floricultura é uma atividade ponderável. Aparentemente a parte do tombamento, bairro de trabalhadores, classificado pelo IBGE como um agrupamento subnormal (SEBRAE, 2014, p. 34), vem atraindo turistas especialmente aqueles excursionistas desbravadores da área protegida ambiental de seu entorno, mas também para a já tradicional festa de Santa Isabel ou expressões como o festival de pipas, já no seu terceiro ano de realização. O potencial turístico da região é notório pela localização por já ter ali se estabelecido, dentro da área de proteção pelo Parque Nacional da Serra dos Órgãos – Parnaso, extensa teia de ecotrilhas.

No Quilombo da Tapera há um mosaico de memórias vivas e diálogo de saberes. E junto à comunidade do bairro do Caxambú – Petrópolis/RJ, fomos convidados a também realizar uma cartografia para constituição de memória social do Quilombo da Tapera, que é uma comunidade encravada no fundo do Vale do Cuiabá, na divisa entre Petrópolis e Teresópolis, dotada de beleza cênica ímpar. A comunidade está situada no interior da APA Petrópolis. A Pedra da Tapera, um dos seus principais marcos geológicos e cênicos, encontra-se no interior do Parque Nacional da Serra dos Órgãos.

Comunidades quilombolas ou remanescentes de quilombo são comunidades em que prevalecem “a preservação de tradições culturais, de subsistência e religiosas ao longo dos séculos” (Fundação Palmares, 2018). Em território brasileiro existem mais de 3.000 comunidades remanescentes de



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

quilombo registradas (Fundação Palmares, 2018) e os processos de formação dessas não são iguais, podendo uma comunidade quilombola ser formada a partir da aglutinação de desertores da escravidão ou até mesmo a partir da proteção de intelectuais ou aristocratas, podendo ser definida como um “quilombo abolicionista” (Gonçalves, 2016) tal como o Quilombo da Tapera, localizado em Itaipava.

A formação do quilombo da Tapera se inicia após a morte de Agostinho Goulão, o qual deixa listado em seu testamento todos os seus bens e também a alforria de todos os seus escravos (Gonçalves, 2016). Porém no mesmo testamento existe o fato de que Agostinho Goulão teria realizado uma doação de terra à duas de suas escravas, uma de nome Isabel, que teria recebido terras da Tapera, e outra chamada Júlia, que teria recebido um sítio na localidade do Rio Carvão (Gonçalves, 2016). Pode ser percebido que a figura de Agostinho Goulão representa a proteção aristocrática e intelectual que propiciou a formação do quilombo da Tapera, sendo esse um dos únicos registros que evidenciam a sua existência. Não há registros que documentem fatores tais como a estrutura social e a memória dos moradores mais antigos, salientando o descaso público em preservar o legado de um grupo étnico desde sempre marginalizado.

Ao contrário da autonomia dos produtores rurais do Caxambú, de agricultura familiar, a principal fonte de renda dos habitantes da Tapera é a prestação de serviços, seja na propriedade de terceiros como caseiros/jardineiros no condomínio vizinho, seja em empresas no centro de Petrópolis. Existem, ainda, algumas pessoas que trabalham com artesanato ou com pequenas produções agrícolas (frutas em compotas, beneficiamento de legumes e verduras). É desejo manifesto da comunidade incrementar suas fontes de renda e, principalmente, trabalhar em seu território, sendo um sonho antigo ter um restaurante como atividade complementar.

Atrelado ao valor histórico e beleza cênica e pela evidência de ganho econômico pelo Turismo de Base Comunitária há efetiva potencialidade para o desenvolvimento sustentável dessas comunidades. Contudo, a unidade de conservação abriga a maior parte da área urbana de Petrópolis, bem como



extensas áreas rurais e áreas aqui denominadas naturais por terem menor grau de uso e ocupação. Infelizmente, dentre as maiores problemáticas ambientais que afetam tanto a população urbana quanto a população rural se destacam a vulnerabilidade a movimentos de massa e a degradação dos recursos hídricos, em especial do Rio Piabanha.

Em fevereiro de 2011, por conta de um movimento de massa de proporções desastrosas, a comunidade teve praticamente todas as suas casas e suas áreas de cultivo e convivência destruídas. Após um intenso processo de mobilização e resistência, a comunidade pode retornar ao seu território com mediação da escolha do território pela APA Petrópolis. A prefeitura municipal de Petrópolis construiu novas casas em uma área mais segura do terreno e disponibilizou eletricidade e outros serviços de infraestrutura. Neste processo de resistência, fundamentado em um mergulho no pertencimento, a comunidade começa a assumir e definir sua identidade quilombola, tendo sido certificada pela Fundação Palmares ainda em 2011.

Concentra-se a maior parte da população do município de Petrópolis ao longo das estreitas planícies aluviais e encostas, sendo um exemplo de cidade onde o equilíbrio com a natureza foi rompido, o que pode ser observado pela incidência de movimentos de massa (GUERRA, 2007, p. 36). Segundo estudos técnicos, os condicionantes naturais podem, juntamente com o manejo inadequado, acelerar a degradação, o que é observado tanto na Tapera, especial causa do desastre de 2011 ou mesmo no Caxambú na última chuva que atingiu a bacia do Itamarati em março deste ano de 2018.

Chuvas concentradas, encostas desprotegidas de vegetação, contato solorocha abrupto, descontinuidades litológicas e pedológicas, declividade das encostas são algumas das condições que podem acelerar os processos erosivos em ambos casos. Ainda segundo Antonio Guerra e outros (2007), o grande desafio está em compatibilizar a expansão da área urbana às características físicas do município. Para eles, na área de estudo existem graves limitações físicas a novas ocupações, devido ao predomínio do relevo montanhoso, com presença de serras escarpadas, morros alongados, paredões e uma série de fraturas e falhamentos, sendo imprescindível impedir



novas ocupações sejam informais ou não, garantindo a preservação da vegetação nativa, que envolve a área urbana e está presente no seu interior (GUERRA, 2007, p. 42). Este cenário é um desafio para o desenvolvimento de áreas remotas de Petrópolis, mas também um potencial para o turismo local que se concentra em grande parte apenas no Centro Histórico de exemplar tombamento urbano-paisagístico pelo IPHAN, em 1982. O desenvolvimento do Turismo no Caxambú e na Tapera, embora em contextos diferentes entre si, representam potencial expansão para o desenvolvimento de turismo regional.

TBC: uma alternativa de turismo à “Petrópolis Imperial”

O Plano de Manejo da APA Petrópolis identifica o ecoturismo como a principal estratégia de uso de terrenos que apresentam alto potencial de ocorrência de movimentos de massa, mas também oportunidades de desenvolvimento do turismo rural e do ecoturismo com as opções de lazer existentes e as que podem ser criadas na região, reconhecendo, no entanto, que a atividade ainda é incipiente na APA Petrópolis em face ao grande potencial.

A cidade de Petrópolis é conhecida principalmente por ter os legados luso-imperial e germânico, que são mostrados na valorização de estruturas e eventos que denotam as origens desses legados, tais como a valorização do museu imperial como principal ponto turístico da cidade e da grande popularidade da Bauernfest (festa do colono alemão). O projeto de concepção de Petrópolis aliado ao esquecimento político do poder público, fez um terceiro grupo - a população negra, descendente em boa parte de negros escravizados que foram levados a cidade desde sua fundação, ou mesmo antes, para trabalharem nas fazendas ao longo do Vale do Paraíba - ter sua contribuição na formação étnica e cultural da cidade apagada. Paola Gonçalves, em sua dissertação intitulada "Do apagamento à fala pública: a memória negra em Petrópolis a partir do Quilombo da Tapera" afirma Petrópolis como cidade “modelo ao projeto civilizacional brasileiro do séc. XIX fincado no desenvolvimento urbano-industrial de padrões europeus, que assume como



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

premissa a negação de seu passado rural escravocrata” (Gonçalves, 2016, p, 52).

O planejamento da cidade de Petrópolis confirma o trecho acima, pois a organização socioespacial excluía a população negra e mestiça, que não era negligenciada apenas no plano físico, mas também no simbólico, tendo sua memória relegada à escravidão, favelização, criminalidade e vícios (Gonçalves, 2016). Os legados da cultura negra, que deviam fazer parte da narrativa da cidade poderiam se constituir como uma alternativa de turismo à forte propaganda em torno da alcunha "cidade imperial", pois é entendido que todos os grupos possuem direito a terem seus patrimônios e cultura valorizados, e o turismo de base comunitária pode ser o objetivo que impulsionará o resgate da memória desse grupo, com suas tradições, histórias e conhecimentos.

A cidade de Petrópolis, que no mapa do turismo do Ministério do Turismo (Mtur) se enquadra na categoria A - município que recebe grande fluxo de turistas e possui grande número de empregos e estabelecimentos no setor de hospedagem (Ministério do Turismo, 2015) recebe 1.6 milhão de pessoas por ano, segundo dados do Mtur. E poderia atrair ainda mais visitantes se investisse no turismo de base comunitária, levando em consideração especificamente o resgate da memória de grupos social e politicamente marginalizadas no município, como o Quilombo da Tapera. Sobretudo, apenas recentemente o ecoturismo ou turismo de aventuras cresce e fala-se oficialmente de Turismo de Base Comunitário (BARTHOLO, 2009), então ambos o turismo rural do Caxambú com seus poços, cachoeiras e trilhas ou mesmo as festas julinas da comunidade da Tapera não estão na programação oficial da cidade, que inclui apenas alguns roteiros rurais mais badalados pelos cariocas ou as festas de imigrantes, mas as do Palácio de Cristal.

A propaganda da cidade é feita em torno de acrescentar o adjetivo "imperial" em todo produto ou estabelecimento turístico de Petrópolis, na qual os atrativos remetentes a esse passado imperial são extremamente valorizados e que apenas satisfazem ao turista médio que visita a cidade, pois este apenas contempla as belas fachadas das construções, que ignoram histórias abafadas de sua origem de colônia agrícola ou de momento de escravidão a despeito da



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

pioneira colonização alemã. Todavia, existe um tipo de turista mais atento e que está interessado em descobrir narrativas que não aquelas hegemônicas, e esse tipo de turismo pode ser definido como "turismo alternativo".

A prática do turismo alternativo vem crescendo 20% ao ano, de acordo com a Organização Mundial do Turismo, e atrai o perfil de turistas que não se considera turista, e sim "viajante", que está interessado em desbravar lugares, interagir com a comunidade receptora e pela preservação do meio ambiente. A lógica do turismo alternativo não está em transformar os destinos em produto, e sim em agente principal, podendo-se fazer um paralelo com o turismo de base comunitária - que está enquadrado em "turismo alternativo - que coloca a comunidade que habita determinada localidade como protagonista no processo do fazer turístico, e que pode gerir o turismo em benefício da própria comunidade. Na cidade de Petrópolis existem muitas comunidades tradicionais, como o Caxambu, comunidade rural fundada por imigrantes portugueses e o próprio Quilombo da Tapera, em que podem ser desenvolvidos uma modalidade de turismo alternativo, para o segmento de pessoas que estão interessadas em conhecer outros olhares sobre a cidade.

Esta segmentação pode ter o papel até de atrair mais visitantes para o município, turistas esses que podem nunca o ter visitado por considerarem todos os atrativos "clichês". Petrópolis tem capacidade para atrair esse segmento de turistas, porém precisa existir apoio do poder público e agentes mobilizadores do turismo, aliados a um trabalho de conscientização e capacitação dessas comunidades para que essas possam gerir o turismo em seus territórios e mais um trabalho de resgate de suas memórias, pois estas serão ao mesmo tempo instrumento de empoderamento da comunidade e produto de troca para os turistas.

Diante deste contexto, percebe-se que o Turismo de Base Comunitária, no qual as iniciativas, atividades e serviços são protagonizados pelas comunidades locais, estruturando experiências turísticas e agregando valor aos roteiros, é o modelo que sintetiza o florescimento da comunidade com os desígnios mais fundamentais de uma APA. Apesar de ser um modelo cada vez mais consolidado no mercado, o TBC na Serra dos Órgãos como um todo, em



todos os municípios não só Petrópolis, é bastante incipiente. A região possui alguns roteiros de turismo rural, porém poucos deles realizados em comunidades rurais e por comunidades rurais. Uma lacuna ainda maior é do turismo de aventura. Não se tem conhecimento de um local na região que conte com atrativos para turismo de aventura (mountainbike, escalada, montanhismo, corrida de aventura) estruturados e gerenciados por comunidades rurais, em diálogo e em integração com seus contextos culturais e históricos. As leituras realizadas apontaram uma fascinante perspectiva de empoderar estas populações que passam a ser inseridas no sistema mercadológico globalizante com consciência e criticidade, não mais alienados quanto a migração temporária ou sazonal.

Procedimentos Metodológicos: cartografia social pelos locais

Para o Turismo de Base Comunitária, é muito importante ter em mente que um dos pilares do sucesso reside justamente no período de envolvimento com as comunidades. Isso deve ser feito tanto para não gerar expectativas demais, mas também para que a equipe executora ou a consultoria não se comprometa em apresentar resultados que dependem de fatores conjunturais relacionados à própria comunidade. Importante ter em mente que um dos pilares do sucesso reside justamente no período de envolvimento com as comunidades. E vale muito mais a pena focar o trabalho inicial na identificação de gargalos e necessidades do que em promessas de quanto cada família da comunidade irá receber a mais pelo suposto aumento do turismo em uma região (MIELKE, 2009, p. 51). Por isto, o projeto de extensão que relatamos aqui experimentou um relacionamento estreito com ambas comunidades por uma capacitação da comunidade tanto em roteirização, quanto aperfeiçoamento da produção agrícola e de artesanato, quanto de gestão destes recursos adicionais, pela História Pública (MAUAD, 2016) para interpretação coletiva do patrimônio local, através especialmente da cartografia social e oficinas associadas.

Mielke (2009, p. 51) deixa claro também três pontos que devem ser levados em conta quanto ao envolvimento comunitário no processo. O primeiro



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

é a pergunta “a forma como o projeto foi concebido e como ele será implementado faz sentido para a comunidade?”. Ao respeitar os sujeitos com suas vontades e discursos múltiplos, propõe-se a integração na pesquisa de recursos como a história oral e a cartografia social, em que os indivíduos não apenas usam os mapas para se expressar, mas os interpretam, realizando suas próprias reflexões sobre o espaço-tempo em que vivem. Tendo em vista que a pesquisa de extensão apresenta como foco o bairro de Caxambu sob a ótica dos locais, esta articulação entre a história oral, sob o olhar metodológico da História Pública (MAUAD, 2016) e o campo da Cartografia social (DAOU, 2009) mostra-se adequado como uma das propostas teórico-metodológicas do estudo, oportunizando o Turismo de Base Comunitária em áreas funcionais de Turismo segundo identificação de Hayllas (2011).

Utilizamos a cartografia social como metodologia principal de aproximação do campo teórico com a prática, oportunidade de contatos preciosos e entendimento de como pensam sua localidade. Trata-se de outra maneira de se fazer cartografia, onde os indivíduos e os grupos não apenas usam os mapas, mas também os interpretam e elaboram, realizando suas próprias cartografias (DAOU, 2009). Tendo em vista a ansiedade da comunidade da Tapera em reconhecimento e certificação como descendente quilombola, também aqui nesta metodologia eles conseguem dar sentido à sua história de luta pela terra e reconhecimento de uma identidade perdida em sua trajetória muito bem identificada pela pesquisadora Paola Dias (2016), que procura emprestar voz pública à reivindicação desta memória social pela sua pesquisa de mestrado.

Assim, o espaço da cartografia social não é aquele visto como quantitativo e tradicional fundamentado em conceitos e modelos científicos, mas sim como um espaço que é construído socialmente, sendo compreendido por meio da subjetividade, da dialética e dos aspectos qualitativos. Desta forma, quem habita o espaço é quem o concebe, quem o vivencia no cotidiano (LOBATÓN, 2009).

No bojo da Cartografia social, os mapeamentos participativos emergem como principal procedimento metodológico. Estes podem apresentar duas



possibilidades de elaboração: os 'sketch maps' e os 'base maps'. Os primeiros não apresentam técnica de cartografia específica de mensuração, se constituindo, assim, em croquis ou mapas esquemáticos feitos manualmente. Nestes, o conhecimento dos locais é utilizado para representar e identificar os objetos do espaço importantes para a comunidade. O segundo tipo, conforme o próprio nome indica, estão relacionados à construção de mapas a partir de bases de cartografia, com referências de cunho geodésico e cartográfico. Assim, é fornecido um mapa base, onde a partir dele os indivíduos das comunidades vão realizar a espacialização dos principais elementos relacionados às suas problemáticas e questões. Desse modo, é um meio importante para correlacionar questões de ordem geográfica, pois possibilita que uma série de mapas se sobreponha (FLAVELLE, 2002).

A cartografia social, nesta associação de entrevista e croqui, pode colaborar para a reflexão da comunidade sobre a relação entre passado e presente na vida urbana. Privilegia-se uma compreensão atenta às mudanças, tensões e continuidades nos processos sociais, que valorize a organização e mediação de conhecimentos locais ao estimular a consciência histórica para um público amplo, não acadêmico. Ao respeitar os sujeitos com suas vontades e discursos múltiplos, propõe-se a integração na pesquisa de recursos diversos, como a história oral e a cartografia social, em que os indivíduos e os grupos não apenas usam os mapas para se expressar, mas também os interpretam e elaboram, realizando suas próprias reflexões sobre o espaço-tempo em que vivem.

Sob a ótica dos locais, o campo da cartografia social e as histórias da comunidade que vão sendo contadas e tramadas à da região da APA Petrópolis, tanto incrustada no Vale do Cuiabá quanto das imediações do Parnaso (Parque Nacional da Serra dos Órgãos), mostra-se adequado como uma das propostas deste projeto de capacitação do quilombo da Tapera, mas também da interação participativa com o bairro Caxambú, uma vez que, diz respeito a outra maneira de se fazer cartografia, onde os indivíduos e os grupos não apenas usam os mapas, mas também os interpretam e elaboram, realizando suas próprias cartografias.



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

O presente projeto utilizará o primeiro tipo de mapeamento participativo, buscando revelar a identidade dos grupos locais de Caxambú e Tapera, bem como, levantar as potencialidades turísticas da área, e problematizar questões de ordem social, ambiental, política, dentre outras dimensões, possibilitando, desse modo, reivindicações da comunidade no que diz respeito aos seus recursos e ao seu território, especialmente quanto à situação dentro da Bacia do Piabanha.

Deste modo, a metodologia consistirá na elaboração de dois instrumentos: a entrevista semiestruturada e a oficina de mapeamento participativo. Juntamente justificadas pois durante o planejamento, a comunidade deve estar consciente do que é turismo hoje em dia e das implicações da implantação do projeto para a localidades, em suas vantagens e desvantagens. Conquanto de acordo, é na fase da execução que os diversos relatos de experiência de projetos de turismo de base comunitária se diferenciam, pois é quando a participação efetiva dos moradores varia de apenas consultiva, para colaborativa parcialmente e, em raros registros, sendo como a incentivadora, a executora e avaliadora dos produtos gerados pela prática turística.

Análise de Dados

A análise destes componentes possibilitou a eles o delineamento de seis elementos chaves cruciais para um trabalho humano e reflexivo e inclusivo com relação às comunidades envolvidas: dominialidade, interculturalidade, organização social, repartição de benefícios, integração econômica, gestão do bem comum. Componentes que perseguiremos nas reuniões com a comunidade, com participação ativa junto à associação de moradores, oficinas de cartografia social, entrevistas com moradores e mapeamento dos artesanatos locais.

Dos dados coletados e analisados da entrevista semiestruturada e a oficina de mapeamento participativo temos que na entrevista, foram perguntadas questões referentes às seguintes temáticas: marcos referenciais e imaterialidades (festas, comidas), visão espacial do Caxambú e toponímia cotidiana, bem como os problemas particulares. Na oficina, os moradores



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

foram convidados a elaborar um mapa a partir de um croqui à mão livre, onde levantassem os principais pontos da área no que se refere às edificações e vias, infraestrutura, e outras problemáticas locais. As escalas geográficas foram as seguintes: o primeiro mapa teve como foco área de Santa Isabel, conhecida como Caxambu de Baixo, o segundo mapa abrangeu todo o Caxambu na visão dos moradores, e, o terceiro teve como foco a escala da bacia hidrográfica, na qual o Caxambú faz parte, juntamente com outras localidades. A devolutiva desta oficina do ano passado será apresentada com nova metodologia de identificação compartilhada das vulnerabilidades apuradas para então traçarmos juntos novas cartografias.

Durante o planejamento, a comunidade deve estar consciente do que é turismo hoje em dia e das implicações da implantação do projeto para a localidades, em suas vantagens e desvantagens. Conquanto de acordo, é na fase da execução que os diversos relatos de experiência de projetos de turismo de base comunitária se diferenciam, pois é quando a participação efetiva dos moradores varia de apenas consultiva, para colaborativa parcialmente e, em raros registros, sendo como a incentivadora, a executora e avaliadora dos produtos gerados pela prática turística. Temos que:

A cidade e o que ela produz dizem respeito ao legado traduzido em imagens, valores, gestos, símbolos e sentidos materiais e imateriais, percebidos na sua configuração social. Os imigrantes deram sabor ao lugar, evocando significados étnicos e geracionais, que a diferem de outros. Um destes sentidos está intrinsecamente ligado às festas culturais que, de certa forma, enfatizam as diferenças culturais dos grupos de imigrantes. Obviamente nem todos os grupos foram privilegiados, mas na cidade, os traços definem as memórias da imigração. (...) O turista vê nas festas a face das criações imigrantes, quando experienciam a música, a dança, a imagem e os sabores, se deparam com o que reconhecem como percepção do outro. Ao descortinar a cidade por meio de seus bairros, ou áreas conhecidas como espaços de imigração, memórias e comunidades distintas, este trabalho constatou nos sabores das festas as referências de imigrantes e seus descendentes, e ao reconhecer as festas, especificamente a sua utilização pelo Turismo cultural. (ANGELO, 2014, p. 270-271)

A interpretação do patrimônio não se dá fora da interação com a sociedade (MURTA, 2002). O projeto, a partir dos primeiros elementos, contribui para capacitar alunos como mediadores e multiplicadores, mas o



turismo de experiência ou cultural, modalidades que se desdobram no Turismo de Base Comunitária pelo compartilhamento de memórias, participando da construção de interpretações, valorização e divulgação desta memória construída socialmente, com a finalidade de uma história pública. A cada ação do projeto, pretende-se intensificar as interações sociais que, ao longo das atividades, vêm se demonstrando a principal via de interpretação e de construção de significados sobre ambas comunidades.

Mielke (2009, p. 76-77) indica também um permanente diagnóstico para o desenvolvimento turístico, junto à pergunta acima colocado como primeiro ponto. Neste momento, se deveria realizar um trabalho comparativo do que se tem e do que se pretende fazer com a finalidade de retraçar as metas e estratégias coletivas. Este diagnóstico deve levar em conta todos os atores sociais envolvidos, inclusive aqueles externos à área, como as instituições do terceiro setor.

O próximo passo seria a realização de oficinas de trabalho e consequente elaboração de um programa permanente de capacitação. Um sistema de cooperação e sinergia entre os atores sociais é incentivado através de ações essencialmente educativas e com a participação efetiva de todos. As lideranças respeitadas a partir de então e que tudo ocorra com vistas à importância premente da institucionalização com a sustentabilidade da dinâmica da prática turística local. A proposta deste projeto de extensão circunscreve estes pontos teórico-metodológicos e tem suas primeiras ações voltadas para o retorno da oficina de cartografia social realizada ano passado no Caxambú para depois nos determos nas parcerias que se formam em auxílio às questões específicas do quilombo da Tapera.

Considerações Finais

O desenvolvimento de um roteiro de ecoturismo e turismo de aventura no Quilombo da Tapera, inserido em um modelo de base comunitária, vem ocupar esta modalidade de Turismo ainda não empreendida na região, evidenciando sua potência e diferencial como piloto para outras comunidades rurais da região e dialoga perfeitamente com o contexto e necessidades do próprio



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

Caxambú. Mais próximo ao perímetro urbano, mas também com uma comunidade mais articulada que na Tapera, compreender os dois processos em direção à implementação de Turismos de Base Comunitária dentro do perímetro da APA Petrópolis é um exercício reflexivo e participativo desafiante para o corpo discente do curso de graduação em Turismo do Cefet/RJ campus Petrópolis.

A interação com a sociedade vem sendo construída, respeitando os princípios de interpretação do patrimônio cultural material e imaterial levantados a partir da constituição da memória social que privilegiam relações dialógicas, estímulo à participação e à reflexão. Através das atividades junto às comunidades, o interesse pela elaboração de um plano mais consolidado de Turismo de Base Comunitária não apenas vem aumentando, mas também se diversificando nas ramificações de gestão e marketing, trazendo desafios e contribuições diversas para este projeto de extensão em relação ao ano passado.

O Caxambú apresenta uma natural gestão participativa com líderes natos identificados neste tripé da comunidade, então o que nos coube foi a observação participativa das reuniões e o estabelecimento de parcerias em confiança conquistada para uma entrada mais efetiva nas ações do projeto para o ano de 2018. Depois da oficina de cartografia social em junho de 2017, a receptividade da comunidade do Caxambú aumentou, abrindo portas para o projeto do Cefet/RJ, de maneira a poder realizar as próximas etapas de forma participativa. Acompanhamos com ganho de confiança reuniões restritas e de pautas específicas da comunidade, especialmente da associação rural e do posto de saúde da família, sendo recebidas, coordenadoras e bolsistas, nos espaços coletivos do bairro com expressivo acolhimento de nossas ideias de capacitação para o Turismo de Base Comunitária. Na escola, fizemos aulas oficinas com pelo menos 80 alunos do 6º ao 9º ano, especialmente envolvendo a professora de Português Jaqueline, que acaba de ganhar a eleição para diretora da escola e nossa parceira direta, mas também a professora Marcia da Cruz da disciplina de História, Geografia e Turismo de Petrópolis que nos recebeu com afinco, realizando curso de capacitação em outro projeto do Cefet



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

campus Petrópolis. Pela Cartografia Social conhecemos duas agentes de saúde, moradoras da comunidade, que nos receberam e nos apresentaram ao médico, dentista e enfermeira chefe do posto de saúde da família local, e lá estamos traçando um projeto de parceria em educação ambiental.

Quanto à Tapera, a demanda de legalização da terra e certificação como comunidade quilombola parte das próprias famílias. E neste momento, há total apoio para isto também pela APA Petrópolis. Os primeiros contatos foram travados, bastando agora apostar no ganho da confiança pela realização da história pública de sua trajetória e capacitação para gestão de seus recursos naturais e dons culinários e artesanais.

Referências

- AMENDOLA, Caroline – Turismo de massa ou turismo alternativo. Disponível em: <<https://medium.com/educa%C3%A7%C3%A3o-turismo/turismo-de-massa-ou-turismo-alternativo-ce85d3def453>> Acesso em 29 de Abril de 2018.
- BARBOSA Angelo, Elis Regina. “Identidades, Festas e Espaços dos Imigrantes em Petrópolis, RJ, e suas Relações com a História do Turismo e da Cidade”. Rosa dos Ventos, vol. 6, núm. 2, abril-junho, 2014, pp. 263-279.
- BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber e BURSZTYN, Ivan (orgs). Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.
- COSTA, Flávia Roberta. Turismo e Patrimônio Cultural: interpretação e qualificação. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Edições SESC SP, 2009.
- DIAS, Paola Vanessa Gonçalves Dias. Do Apagamento à Fala Pública: a Memória Negra em Petrópolis a partir da Trajetória do Quilombo da Tapera. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2016.
- GUERRA, Antonio José Teixeira; GONÇALVES, L. F. H.; LOPES, P. B. M. Evolução Histórico-Geográfica da Ocupação Desordenada e Movimentos



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

de Massa no Município de Petrópolis, nas últimas décadas. In: Revista Brasileira de Geomorfologia, v.8, n.1, p.35-43, 2007.

HAYLLAS, Bruce et all. Turismo em cidades: espaços urbanos, lugares turísticos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

MAUAD, Ana Maria e ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. (org.) História pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

MIELKE, Eduardo Jorge Costa. Desenvolvimento turístico de base comunitária. Campinas/SP: Alínea, 2009.

Ministério do Turismo – Turismo de base comunitária. Disponível em: <www.turismo.gov.br/publicacoes/item/44-turismo-de-base-comunitaria.html> Acesso em 28 de Abril de 2018

Ministério do Turismo – Petrópolis atinge o topo do turismo nacional. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/10720-petr%C3%B3polis-atinge-o-topo-do-turismo-nacional.html>> Acesso em 28 de Abril de 2018.

MURTA, Stela Maria e ALBANO, Celina, orgs. Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, Território Brasilis, 2002.

Portal Palmares – Comunidades remanescentes de quilombo. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/comunidades-remanescentes-de-quilombos-crqs>> Acesso em 28 de Abril de 2018.

SEBRAE. Conhecendo as comunidades dos caminhos da Serra do Mar: diagnóstico turísticos das comunidades de Caxambu e Bonfim. Petrópolis: ICMBio, 2014.